

“A Vitória já foi assim...”

Antonio Celestino



A Vitória na década de 20

Todas as cidades com passado, umas com história e outras sem ela, carregam nas suas memórias lembranças de festas, de pessoas, de monumentos, de tantas outras coisas que dificilmente os anos apagam. As cidades são pequenas nações, com suas fronteiras, suas leis e suas evocações. Nascem silenciosas, vão tomando forma, criam seus mitos, formam núcleos humanos que impõem seus hábitos, logo distinguem seus atrativos urbanos, e até suas gentes tomam determinado caráter com algo que as identifica, como se foram todas trespassadas pela marca dum imponderável sinete temperado pelos hábitos, pela paisagem, pelo clima e até pela cor do céu e do mar, quando o há por perto. E depois então, já tudo altamente sedimentado pelo correr dos usos e dos séculos, não há como deixar de distinguir seus habitantes, mesmo que eles se queiram afastar dos baurremos provincianos: qualquer coisa de mais sutil os ligará e, onde quer que vivam, terão sempre um fio de Ariadne a ligar suas recordações, e quem sabe, a deixar chorar sua mágoas nos rochedos da vida.

Salvador não foge à regra e creio até que deverá ser uma das cidades brasileiras, e talvez não só, a marcar seus filhos com os sete selos duma indelével presença. A profunda humanidade de tanta amálgama racial, uma convivência secular de tão boa fama entre os homens de boa vontade, uma capacidade de superar o supérfluo onde o essencial era aberto e fácil, a temperatura que se contentava em pequenas variações térmicas deixando que as estações se confundissem entre si, como aliás os próprios homens que delas tiravam aproveitamento e até sustento constante, uma paisagem singular e livre dos rigores das inclemências temporais, uma certa forma de vida de tudo isso decorria, fazendo com que a cidade fosse mais do que costuma ser uma cidade, pois ela se confundia com a sua gente, sua gente se confundia com ela e as duas paisagens, humana e física, é que a chantaram para sempre num universo típico. Até seus deuses, durante muito tempo, tiveram uma convivência civilizada.

Ora, a velha Cidade do Salvador, a pequena nação da Bahia, com suas fronteiras nascentes lá pelos Idos do século XVI, começou na que era chamada de Vila Velha, pois como diz Vilhena, foi “pelo pé da montanha que acompanha a marinha” que foi su-

blindo, subindo, até que encontrou a parte alta da encosta e nela fez um caminho que levava depois às freguesias que constituíram seu núcleo urbano, à boa moda portuguesa de então e até de hoje.

Ora, foi esse caminho, depois estrada, depois rua, depois avenida, que mais tarde se viria a chamar de Corredor da Vitória, em homenagem à Nossa Senhora da Vitória cuja imagem se venerava na sua Igreja. Esse Corredor da Vitória teve seu tempo glorioso, nele viveram muitos dos mais ilustres filhos da sua cidade, teve dias de fastígio, foi visitada por príncipes, residência de diplomatas estrangeiros, assistiu às festas mais imponentes, viu baixelas de ouro servir jantares, recebeu altos dignitários nos salões de seus palácios, seus hóspedes tinham a seu serviço móveis de mogno com incrustações de marfim, havia bronzes franceses, opalinas italianas, porcelanas de Sévres e Vincennes, estatuetas de Saxe, lustres de Murano, rendas de Bruxelas e de Bruges, breitanhas e bordados misturavam as graças de suas brancuras imaculadas, havia lunduns saudosos, certamente nalgum vago piano Bacherini talvez tivesse tirado deslocados minuetos, aguardando que Chiquinha Gonzaga ousasse com suas músicas maravilhosas o que Ernesto Nazaré depois fixaria com seu gênio.

Esse era o lado colorido da paisagem humana, com suas cadeiras de arruar e suas montadas arriadas de prata e bronze a serviço dos senhores e das sinhas enfeitadas de laços e fitas, engomadas nas suas salas de folhos e pregas, com suas bolsas de gaze bordada, suas meias de renda francesa e suas anáguas sobrepostas que cobriam, nas raras vezes que as usavam, umas longínquas calças de algodão branco cujo requinte era o monograma da dona bordado no cós...

Mas o Corredor da Vitória não era só doce vida. Os negreiros mais importantes tinham nele suas suntuosas residências, das quais a mais notável era o do Palacete Cerqueira Lima, onde se iniciava um túnel por onde passavam levas de escravos e que desembocava no mar, um pouco abaixo da Igreja da Vitória. Era o lado vergonhoso da sua História, a sua mancha negra e dolorida.

Depois veio o século XIX e veio a iluminação a gás. A eletricidade trouxe a alegria das luzes irreverentes. Os bondes transportavam austeros senhores de bengala, sobreca-

saca e cartola, já talvez um pouco compenetrados do contraste dum cenário onde seus trajes não casavam com o prosalco dos seus bancos de tábuas corridas. Apareceram as roupas de homem mais leves e condizentes. E os primeiros automóveis que fumegavam e roncavam como monstros, afugentando espavoridas crianças.

E chegou uma arquitetura que cobriu de casas os seus dois lados, umas de bom desenho, harmoniosas e agradáveis, outras sofrendo dum mau gosto de traço cujas heranças hoje estão muito em moda. Mas fizeram um ambiente, criaram um certo estilo de viver em conjunto. O arredo primitivo estava ainda com certa grandeza, havia árvores cuja solenidade infundia respeito, largas copas tinham a majestade de certas catedrais, mas dessas velhas reliquias, poucas restam! Creio que só uma ainda lembra a velha sombra acolhedora que era toda a orla marítima. Das velhas casas, poucas foram poupadas. Hoje o Corredor da Vitória, como diria o poeta, é um retrato desbotado num velho jornal esquecido.

Mas há quem tenha saudades mesmo do que não chegou a ver na sua plenitude, mas sentiu que era necessário lembrá-lo. Assim foi que dois museus situados nesse mesmo Corredor, o Carlos Costa Pinto e o de Geologia, dirigidos superiormente pelas museólogas Mercedes Rosa e Heloisa Costa, e com a autoridade de quem sabe fazer as coisas, resolveram recordá-lo através uma exposição evocativa. Ouviram pessoas, leram jornais, desempoeiraram arquivos, escutaram historiadores, reviveram fotografias, abriram esquecidos armários de reliquias, tiraram roupas amorosamente guardadas em velhos gavetões, disseram que iam mostrar tudo isso e cumpriram com a palavra. Uns se sentirão nostálgicos e lembrarão os dias ainda recentes dum passado próximo onde tiveram infância. Outros, agregarão às suas emoções os perfumes perdidos das flores sacrificadas, outros lembrarão a doçura dum caminho percorrido durante uma saudade, muitos viverão o instante que desejariam eterno. E todos certamente lastimarão que se tivesse perdido para o efêmero o que deveria ser carinhosamente preservado.

Mas não é exatamente essa a fatalidade que paira sobre esta imolada cidade?

A exposição a que esta crônica tomou de empréstimo o título, ficará aberta até o final deste mês.